



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 7, v. I maio.-out. 2017
p. 423-439.

“Você é feia, feia pra caralho”: um ensaio sobre gênero, beleza e feiura

Thiago Coacci¹

Leonel Cardoso dos Santos²

RESUMO: O presente texto é um ensaio sobre as relações entre as normas de gênero, a beleza e a feiura. Argumentamos que há uma dimensão semiótico-estética na construção dos gêneros, bem como na forma como esses se tornam inteligíveis e conseqüentemente “passam por naturais”. De forma experimental, realizamos uma pesquisa empírica, com imagens do *Google* sobre beleza/feiura, em que tentamos identificar padrões e revelar um imaginário social compartilhado sobre beleza e feiura. A partir disso, propomos um resgate do conceito de feiura como útil para uma análise interseccional. Por fim, buscamos identificar algumas possíveis formas de se transformar a realidade e superar as lógicas que produzem hierarquias sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Beleza; Feiura; Gênero; Corpo; Estudos *Queer*.

Abstract: This paper is an essay on the relationship between gender norms, beauty and ugliness. We argue that there is a semiotic-aesthetic dimension in the construction of genders, as well as in the way these become intelligible and therefore "pass as natural". Experimentally, we conducted an empirical research with google images of beauty/ugliness, in which we try to identify patterns, revealing a shared social imaginary of beauty and ugliness. From this, we propose a recovery of the concept of ugliness as useful for an intersectional analysis. Finally, we tried to identify some possible ways to transform reality and overcome the logics that produce social hierarchies.

Keywords: Beauty; Ugliness; Gender; Body; Queer studies.

Resumén: Este artículo es un ensayo sobre la relación entre las normas de género, la belleza y la fealdad. Nosotros sostenemos que hay una dimensión semiótica-estética en la construcción de los géneros, así como en la forma en que éstos se vuelven inteligibles y por lo tanto "pasan por natural". Experimentalmente, se realizó un estudio empírico de imágenes de Google para belleza/fealdad, tratamos de identificar patrones, revelando un imaginario social compartido de la belleza y la fealdad. A partir de esto, se propone un rescate del concepto de fealdad como útil para un análisis interseccional. Por último, hemos tratado de identificar algunas posibles formas de transformar la realidad y superar las lógicas que producen las jerarquías sociales.

Palabras clave: Belleza; Fealdad; Género; Cuerpo; Estudios Queer.

¹ Mestre e doutorando em Ciência Política pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Mulher (NEPEM). Integrante do Grupo Universitário em Defesa da Diversidade Sexual (GUDDS!). E-mail: thiagocoacci@gmail.com

² Doutorando em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e pesquisador do Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT. Professor da Faculdade Pitágoras – Unidade Divinópolis (FAP).

Recebido em 29/12/15

Aceito em 18/04/17

Costumamos dizer que gosto não se discute, que beleza é relativa ou que está nos olhos de quem vê, mas será mesmo? Academias de musculação, cirurgias plásticas e os diversos produtos de beleza e “cuidado” com a pele vêm sendo popularmente utilizados como mecanismos que aproximam as pessoas de determinados referenciais de beleza. Essas maneiras de colocar o corpo sob certas formas e/ou medidas e, possivelmente, rejuvenescer a aparência, podem ser encontradas em revistas, na televisão e em vídeos na internet, e vão desde dicas de alimentação a programas de treinamento físico. Toda essa gama de produtos e serviços relacionados à estética e ao cuidado corporal nos remetem, não exclusivamente, à construção e reprodução de referenciais de beleza. Sendo assim, perguntamos: que corpos esses mecanismos constroem? Problematizar alguns desses referenciais nos parece necessário, uma vez que os padrões estéticos funcionam a partir de uma lógica normativa que, além de estabelecer os aspectos da beleza, oferecem também as marcações dos padrões a serem concebidos como feiura. Nos propomos a discutir neste texto os aspectos regulatórios de gênero e como eles funcionam na construção generificada das diferenças sexuais do ponto de vista semiótico, mais especificamente investigaremos a relação entre belo/feio ou dos corpos belos/feios e as normas de gênero.

Para tentar responder as perguntas, em um primeiro momento, apresentaremos uma breve revisão sobre o conceito de gênero, enfatizando o caráter estético e regulatório presente nas produções dos gêneros e dos corpos. Em um segundo momento, a partir de uma pesquisa empírica no banco de imagens do *google*, tentaremos identificar e problematizar alguns padrões existentes no imaginário de beleza/feiura brasileiros. Por último, tentaremos apontar algumas brechas nesse sistema regulatório, algumas possibilidades políticas de subversão.

Acreditamos que é importante, desde o início, deixar claro “de onde falamos”, ou seja, explicitar o *background* político-teórico que conduzirá esta escrita. Nos inserimos em uma corrente peculiar dos estudos de gênero e sexualidade chamada Estudos *Queer* ou Feminismo *Queer*. Tal corrente surge nos Estados Unidos no final dos anos 80 e início dos 90, dentro do feminismo. De forma tosca, para se dizer com o próprio Preciado: a teoria *queer* é um encontro entre o feminismo e Foucault, uma leitura feminista de Foucault (PRECIADO, 2011). Avisamos desde cedo que essa corrente não é majoritária e está longe de ser consolidada ou possuir uma unidade, mas é uma corrente fértil no sentido de que vem ganhando prestígio dentro da academia e movimentos sociais por trazer uma gama grande de problemas e perguntas que as correntes mais tradicionais do feminismo e dos estudos de sexualidade costumavam deixar



marginais, bem como repensam as ideias mais tradicionais de política abrindo espaço para uma certa conexão entre política e estética. Por não haver unidade nesses estudos, apontamos que nossa escrita será orientada principalmente pelas ideias de Paul B. Preciado, Jack Halberstam, Judith Butler e Teresa De Lauretis.

Queer é uma palavra inglesa de difícil tradução, mas possui a ideia de estranho, bizarro, diferente ou abjeto. Essa mesma palavra é utilizada, principalmente nos Estados Unidos, como uma forma pejorativa para se referir a sujeitos marginais, não heterossexuais ou com performatividades de gênero e sexualidade que se distanciam um pouco do ideal normativo, ou seja: pessoas *gays*, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais, homens afeminados, mulheres masculinizadas e qualquer outr@ pessoa estranh@. Esses estudos *queer* buscam, então, compreender a produção e a reiteração das normalidades, ou seja, “o normal”, e, em oposição, os estranhos; buscam também compreender os processos sociais, culturais, tecnológicos e políticos que transformam esse normal em algo natural. Ademais, é importante salientar que o *queer* não estuda as normas para nelas se inserir. A proposta é antiassimilacionista, o *queer* desfruta, de certa forma, da condição de marginalidade provocando estranhamento nas formas de pensar, inclusive nas acadêmicas. E é justamente nesses pontos em que acreditamos que os estudos *queer* podem nos ser úteis aqui nesta discussão.

Entendemos que, ao tratar da inteligibilidade de gênero, não tocamos somente nas práticas sexuais e em suas relações regulatórias com a construção de uma humanidade inteligível, mas podemos visualizar um conjunto de práticas normativas presentes na maneira como os corpos são vistos, exibidos e desejados. Desse modo, ao mencionar o termo inteligibilidade, buscamos trazer à discussão uma matriz discursiva que inscreve e reescreve os limites pelos quais as experiências devem ser valoradas. Nessa escrita o corpo é desenhado e concebido hierarquicamente, inclusive em termos de referenciais estéticos, correndo-se sempre o risco de falhar pois, como diria Butler (2008, p.39), “certos tipos de ‘identidade de gênero’ parecem ser meras falhas do desenvolvimento ou impossibilidades lógicas, precisamente porque não se conformam às normas da inteligibilidade cultural”. No interstício entre a norma e sua reiteração, podemos compreender as falhas (corpos abjetos) como um efeito que diz do modo como as matrizes de gênero operam a inteligibilidade, demarcando fronteiras e nuances de belo e feio. Seguindo essa lógica, a beleza/feiura, bem como o modo como são referenciadas e apontadas nos corpos, são partes da produção das inteligibilidades de gênero.



I

Trataremos primeiro do conceito de gênero. Gênero é um conceito recente e que até hoje não há um consenso sobre seu exato conteúdo e dimensões, é um conceito necessariamente em disputa e atualizado a cada nova publicação ou prática feminista.

Apesar do conceito de gênero, na atualidade, nos remeter imediatamente ao feminismo, se traçarmos suas origens perceberemos que esse atravessa por caminhos tortuosos até chegar nos seus usos contemporâneos. Preciado (2008) afirma que a invenção da categoria gênero se dá, inicialmente, longe da agenda feminista, mas nos discursos biotecnológicos do final dos anos quarenta, como uma resposta à fixidez da categoria do sexo construída no século XIX, dando a ele uma maior fluidez.

O conceito é utilizado em sua primeira vez em 1947 por John Money, um psicólogo infantil e sexólogo, encarregado do tratamento de bebês intersexuais. Como Preciado (2008, p.82 - tradução nossa) aponta, “Money utiliza noção de 'gênero' para nomear o 'sexo psicológico', pensa sobretudo na possibilidade de utilizar a tecnologia para modificar o corpo segundo um ideal regulador preexistente que prescreve como deve ser um corpo humano feminino ou masculino³.” O sexólogo aplica essa ideia em seus pacientes, que possuíam genitálias consideradas deformadas ou mutiladas, como o caso de um bebê que teve seu pênis removido acidentalmente durante o processo de circuncisão. Money se utilizará de tecnologias médicas para construir uma vagina nesse corpo: irá administrar hormônios femininos e recomendará que os pais criem essa pessoa como uma menina. No mesmo sentido, outros autores, como Anke Ehrhardt e o casal Joan e John Hampson, dão seguimento ao desenvolvimento do conceito ainda sob a égide de um saber médico.

É só a partir da década de 60 que o conceito de gênero será apropriado e reconstruído pelas feministas. A categoria surge “com o intuito de distinguir e separar o sexo – categoria analítica marcada pela biologia e por uma abordagem essencializante da natureza ancorada no biológico – do gênero, dimensão esta que enfatiza traços de construção histórica, social e sobretudo política que implicaria análise relacional” (MATOS, 2008, p. 336). O conceito de gênero é usado nos escritos feministas dos anos 60 e 70 para indicar a diferença sexual entre homens e mulheres, o feminino e o masculino, colocando-as numa perspectiva relacional. Todavia, esse tratamento do conceito de gênero como diferenças sexuais “confina o pensamento crítico feminista ao arcabouço conceitual de

3 Money utiliza la noción de <<género>> para nombrar el <<sexo psicológico>>, piensa sobre todo en la posibilidad de utilizar la tecnología para modificar el cuerpo según un ideal regulador pre-existente que prescribe cómo debe ser un cuerpo humano femenino o masculino. (PRECIADO, 2008, p. 82)



uma oposição universal do sexo (a mulher como a diferença do homem, com ambos universalizados: ou a mulher como diferença pura e simples e, portanto, igualmente universalizada)” (DE LAURETIS, 1994, p. 207). Dessa maneira, o conceito não seria suficiente para tratar das diferenças que haviam entre as próprias mulheres, pois o gênero feminino era pensado como a diferença do gênero masculino. Outra limitação apontada por De Lauretis é que o conceito de gênero, nesses limites, está preso à diferença sexual a ponto de se confundir com ela, como se fosse uma derivação direta da mesma. Ou seja, o gênero seria o significado assumido por um corpo *já* diferenciado sexualmente. Haveria aqui um pressuposto lógico da separação entre sexo e gênero, sendo gênero uma categoria cultural relacional e o sexo uma categoria natural, sendo que aquele derivaria deste como em uma relação de causal.

Com essas críticas e outras feitas por diversas correntes do feminismo como, por exemplo, o feminismo negro, De Lauretis propõe, então, na década de 80, que as imbricações entre gênero e as diferenças sexuais sejam desfeitas e desconstruídas. A forma como De Lauretis se propõe a começar a realizar essa desconstrução é a partir de uma visão foucaultiana que percebe a sexualidade como uma tecnologia sexual e,

dessa forma, propor-se-ia que também o gênero, como representação e como autorepresentação, é produto de diferentes tecnologias sociais, como o cinema, por exemplo, e de discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas, bem como das práticas da vida cotidiana (DE LAURETIS, 1994, p.208).

Nesse enquadramento, o gênero não seria algo natural, uma propriedade dos corpos ou algo que poderia existir antes dos seres humanos. De Lauretis (1994) aponta, então, quatro proposições sobre o gênero: (1) gênero é (uma) representação; (2) a representação do gênero é a sua construção – e num sentido mais comum pode-se dizer que toda a arte e a cultura erudita ocidental são um registro da história dessa construção; (3) a construção do gênero vem se efetuando hoje no mesmo ritmo de tempos passados e ela ocorre em diversos locais como na mídia, escolas, mas também na academia e nas práticas artísticas; (4) a construção do gênero também se faz por meio de sua desconstrução.

Outra contribuição importante para tentar desvincular o conceito de gênero da ideia de natureza foi a de Judith Butler. A autora, por sua vez, afirmaria que “o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele [o gênero] também é o meio discursivo/cultural pelo qual a 'natureza sexuada' ou um 'sexo natural' é produzido e estabelecido como 'pré-discursivo', anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura” (BUTLER, 2008, p. 25). O



gênero, para ela, seria um sistema de regras, convenções, normas sociais e práticas institucionais, que produzem performativamente (através de reiteradas práticas discursivas e corporais) o sujeito e sua inteligibilidade. Não haveria uma verdade no gênero, uma essência pré-discursiva no ser mulher, mas apenas uma eterna construção da feminilidade e da masculinidade pela reenunção das normas de gênero e a punição constante daquelas pessoas que violam as normas. Além disso, Butler aponta que os processos pelos quais o gênero é construído apagam os rastros dessa própria construção, dando uma aparência de naturalidade ao gênero e ao sexo. Butler (2008) passa a entender o gênero como o efeito de práticas discursivas que operam de maneira reiterada.

Butler é uma autora polêmica e, diferente de outras autoras feministas, se recusa a operar uma diferença radical entre gênero e sexo, afirmando, mais de uma vez ao longo de suas obras, que o sexo talvez tenha sido sempre o gênero (BUTLER, 2008; 2011). Segundo a autora, os corpos também seriam performativos, o que não implica negar a materialidade dos corpos, mas apontar a forma como essa materialidade é construída por meio do discurso. A materialidade não seria algo anterior a ser significado por gênero e sexo, mas construída desde sempre *por e nos* discursos da sexualidade, gênero e raça. Butler acredita que todo enunciado, em certa maneira faz algo, todo enunciado seria um ato: a interpelação que se faz aos corpos ao chamá-los por um sexo faz mais do que simplesmente descrever uma realidade dada. Esse enunciado constrói a realidade e exige que, a partir daí, esse corpo passe a citar a norma de acordo com aquela interpelação primeira. O sexo e o gênero seriam, então, ambos imitações de um interpelação primeira, que não passa de uma imitação de outra interpelação anterior.

É com essas reformulações que podemos começar agora a discutir um pouco mais a normalidade e o belo.

II

Preciado se inspira em Judith Butler e concorda em muitos pontos com o que aquela escreveu. Todavia, para Preciado, Butler daria atenção excessiva aos discursos e à linguagem, mas há que se prestar atenção a outros processos biotecnológicos de inscrição do corpo (CARRILLO, 2007). Na opinião do autor espanhol, para além da formação discursiva dos gêneros, seria preciso prestar atenção a alguns aspectos materiais que auxiliam na forma como um gênero ou outro “passa como natural” (PRECIADO, 2011, p. 84). É justamente nesse ponto que Preciado (2011) acusa Butler (2011) de não entender a morte de Vênus Xtravaganza e afirma que a eficácia de sua teoria da



performatividade de gênero depende da forma que certas pessoas “passam”. Sem levar em conta que Venus Xtravaganza é de origem latina, uma pessoa trans que se prostitui, que possui seios de silicone e um pênis, ou seja, que é uma pessoa que “não passa” como mulher cisgênera, como americana, branca, dessa maneira não seria possível entender o seu assassinato, perpetrado por um cliente.

Preciado (2008; 2011), então, busca investigar a dimensão semiótico-técnica da produção performativa do gênero e do sexo. Em uma análise genealógica, Preciado aponta como, desde o século XVII, a partir do desenvolvimento dos estudos anatômicos e da produção pornográfica, começa a se construir a diferença sexual. Aponta ainda a importância da invenção da fotografia, no final do século XIX, para a produção do novo sujeito sexual e de sua “verdade visual”. A diferença sexual foi construída a partir de técnicas de representação do corpo. Como exemplo, Preciado pega uma foto tradicional da representação dos chamados hermafroditas realizada em 1860 em que um corpo

aparece deitado, as pernas abertas, coberto apenas por um pano branco que foi levantado até o peito, deixando descoberto sua pélvis. Os órgãos sexuais são expostos a uma olhada fotográfica por uma mão externa. A imagem dá conta de seu próprio processo de produção discursiva. [...] a mão do médico ao mesmo tempo oculta e mostra os órgãos sexuais, estabelecendo assim uma relação de poder entre o sujeito e o objeto da representação. O rosto e sobretudo os olhos do paciente estão apagados; o paciente não pode ser agente de sua própria representação. [Preciado conclui, então, que] a verdade do sexo toma aqui o caráter de uma revelação visual, o processo em que a fotografia participa como um catalizador ontológico que explicita uma realidade que não poderia manifestar-se de outro modo⁴. (PRECIADO, 2008, p.87 - tradução nossa)

Outro possível exemplo da construção da diferença sexual por tecnologias médico-visuais é a forma como o feto faz a passagem de um mero corpo para um corpo sexuado: no momento em que o aparelho de ultrassom passeia pela barriga da mãe, quando encontra algo que se assemelhe a um pênis, é que aquele corpo é lido como homem, ou na ausência daquilo que pareceria ser um pênis, o corpo é tido como uma mulher. A forma como a medicina define até hoje o sexo dos bebês, no momento do nascimento, se dá tão só por meios de um protocolo estético: pênis, logo homem, vagina, logo mulher. Qualquer coisa que varie é visto como uma deformação ou anomalia e logo é

4 “aparece acostado, las piernas abiertas, cubierto tan solo de una combinación blanca que ha sido levantada hasta el pecho, dejando al descubierto su pelvis. Los órganos sexuales son expuestos a la mirada fotográfica por una mano externa. La imagen da cuenta de su propio proceso de producción discursiva. [...] la mano del médico al mismo tiempo oculta y muestra los órganos sexuales estableciendo así una relación de poder entre el sujeto y el objeto de la representación. El rostro y, sobre todo, los ojos del paciente han sido borrados; el paciente no puede ser agente de su propia representación. La verdad del sexo toma aquí el carácter de una revelación visual, proceso en el que la fotografía participa como un catalizador ontológico que explicita una realidad que no podría manifestarse de otro modo.” (PRECIADO, 2008, p. 87)



submetida a um protocolo especial de correção cirúrgica. A essas tecnologias de construção do gênero Preciado dá o nome de “programação de gênero”. Nas palavras do autor:

chamo programação de gênero a uma tecnologia psicopolítica de modelização da subjetividade que permite produzir sujeitos que se pensam e atuam como corpos individuais, que se autocompreendem como espaços e propriedades privadas, com uma identidade de gênero e uma sexualidade fixa⁵ (Preciado, 2008, p.90 - tradução nossa).

Percebemos já aqui que há não só uma construção semiótica do gênero e do sexo, padrões estéticos do que é ser homem e ser mulher, como há, também, uma construção semiótica da normalidade, pois há formas “corretas” de se ser mulher ou homem, e essas formas, por sua vez, dependem, em muito, de aspectos estéticos. A lógica dominante da nossa sociedade, com raízes no discurso da psicopatologia sexual de Krafft-Ebing, parte da premissa de que um indivíduo = um corpo = um sexo = um gênero = a uma sexualidade. Fazendo uso da ideia de Preciado (2008), podemos, então, citar alguns códigos semióticos-técnicos de masculinidade e feminilidade: a) Masculinidade - “Rambo”, “Rocky”, “Scarface”, “O Poderoso Chefão” e “Platoon”, ou seja, saber matar, a guerra, o suor, a violência (doméstica), álcool, o cigarro, a sexualidade, a fórmula 1 e outros; b) Feminilidade - “Grande Menina, Pequena Mulher”, “A Bela Adormecida”, “O Vento Levou”, “Delírios de Consumo de Becky Bloom”, ou seja, a pílula, a coragem materna, o desejo de um filho, a vergonha da defloração, a casa, o consumo, a maquiagem, a sensualidade, a fragilidade e outros.

Um dos grandes sucessos de nossa época é ampliar o potencial das técnicas de normalização dos corpos. A normalização, que antes poderia ser realizada apenas por meio de representações discursivas e fotográficas - tecnologias ainda muito utilizadas -, na atualidade é realizada por meio de tecnologias que se inserem na própria estrutura do ser vivo, pela via de técnicas cirúrgicas e endocrinológicas (PRECIADO, 2008). Produzimos, na contemporaneidade, uma indústria formidável de tecnologias de normalização dos corpos e dos gêneros: academias, inclusive algumas específicas para homens ou mulheres; clínicas estéticas com tratamentos como massagens modeladoras e redutoras; salões de beleza; cirurgias estéticas como lipoaspirações e rinoplastias; remédios redutores de apetite, para queimar gorduras mais rápido, para ganho de massa muscular etc. Produzimos, em uma escala nunca antes vista, corpos, gêneros e subjetividades. Vivemos, então, em uma época em que não mais ajusta-se o vestido para caber no corpo, pelo contrário, ajusta-se o

5 “Llamo <<programación de género>> a una tecnología psicopolítica de modelización de la subjetividad que permite producir sujetos que se piensan y actúan como cuerpos individuales, que se autocomprenden como espacios y propiedades privadas, con una identidad de género y una sexualidad fijas” (PRECIADO, 2008, p.90).



corpo para caber em um vestido. Se o corpo não se ajusta aos padrões de normalidade, de beleza, será logo modificado por um conjunto de técnicas externas e internas ao nosso próprio corpo.

Em um esforço similar ao de Preciado, Jack Halberstam, em uma palestra ministrada na *New School of Social Research*, tenta afastar-se de categorias como a divisão sexual (homem e mulher) e de “hetero e homossexual”. Em uma proposta imersa em uma perspectiva *queer*, Halberstam afirma que talvez seria mais revelador o uso de outras categorias, como, por exemplo, “o feio”.

Costumamos dizer que gosto não se discute, que beleza é relativa ou que está nos olhos de quem vê, mas gostaríamos de pensar aqui, seguindo a provocação de Halberstam, o que consideramos feio, quem são as pessoas que são consideradas como feias em nossa sociedade. Para responder a essa questão, realizamos uma busca pelas palavras “beleza”, “feiura”, “feio”, “feia”, “*beauty*” e “*ugly*” no google imagens. Como o *google* altera o resultado da busca dependendo do perfil do usuário, utilizamos o navegador *google chrome*, sem usuário logado, com o cache limpo e na aba anônima. Configuramos ainda a pesquisa para mostrar páginas do Brasil, quando do uso dos termos em português, fotos de qualquer tamanho, cor, tipo e em qualquer data, com o “*safe search*”⁶ desativado⁷. Acreditamos que a busca por palavras-chave no *google* pode nos dar uma ideia de como a feiura e a beleza são representadas no imaginário social brasileiro, uma vez que o sistema de busca do *google* ranqueia seus resultados por relevância e não apenas por temporalidade. A relevância é dada por uma análise complexa que utiliza mais de 200 fatores, como a quantidade de *links* redirecionando para um mesmo local e a qualidade desses links⁸. No entanto, reconhecemos que há um limite óbvio em nossa pesquisa: ainda hoje no Brasil há uma parcela grande da população que não possui acesso a internet e os dados de acesso a internet mostram que há um recorte geográfico, de classe e idade (COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL, 2013).

A partir da análise das imagens, foi possível perceber que há um claro padrão. Percebemos que a busca por beleza retorna imagens, ao menos na primeira página: 1) exclusivamente de pessoas que, em um primeiro olhar, aparentam ser do gênero feminino (com exceção de um bebê que não é

6 *Safe search* é um mecanismo do *google* que, quando ativado, filtra imagens que são consideradas impróprias para menores.

7 Esses procedimentos tiveram o objetivo de minimizar qualquer viés indesejado proporcionado pelo buscador e sua forma de operar com resultados personalizados. Não se trata aqui da busca de uma pretensa neutralidade ou a construção de uma amostra estatisticamente representável para uma população, acreditamos que a subjetividade do pesquisador estará sempre presente nas pesquisas e percebemos que essa pode ser inclusive mais um elemento analítico. A subjetividade estará presente, por exemplo, na escolha do método, na escolha das palavras-chave a serem buscadas. O que se busca, aqui, é apenas reduzir a influência dos mecanismos de pesquisas que produzem resultados personalizados.

8 Mais informações sobre o funcionamento da pesquisa do *google*: <http://www.google.com/intl/pt-BR/insidesearch/howsearchworks/thestory/>



possível e nem queremos tentar identificar); 2) que esses seres fotografados são aparentemente jovens, com exceção de uma curiosa foto em que uma senhora olha para um espelho, em que há refletida uma imagem de uma jovem; 3) que são majoritariamente de pessoas brancas, com cabelos lisos, loiros, ruivos e alguns poucos morenos; 4) que possuem um fenótipo aparentemente europeu; 5) todas são aparentemente magras; 6) estão seminuas; 7) não apresentam sinais de deficiência física ou mental.



Figura 01 - Imagens do Google para “Beleza”

A busca por feiura, feia(o), por sua vez, retorna imagens completamente contrastantes. Nota-se uma presença muito maior de negras/os; algumas mulheres são masculinizadas (demonstrando pelos nas axilas ou no buço) ou andróginas; há uma quantidade menor de loiras(os) e ruivas(os) - há dentre os homens alguns negros loiros - e os cabelos afro surgem com maior frequência; é mais comum a presença de pessoas com idade avançada, gordos(as), frequentemente dão indícios de condições financeiras precárias (como, por exemplo, através da ausência de dentes); e há presença de corporalidades que podem ser consideradas como de pessoas com deficiências físicas.



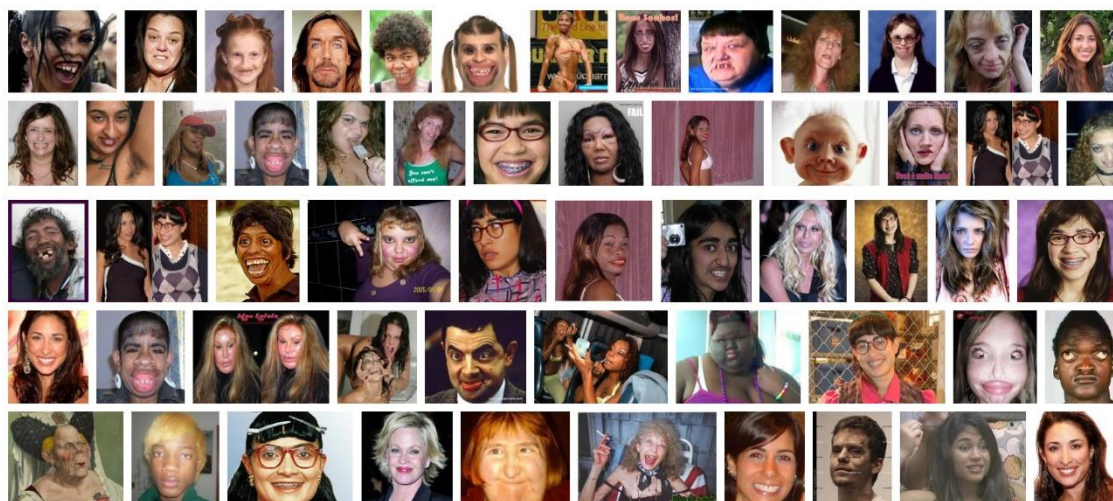


Figura 02 - Imagens do Google para “Feia”

A observação dessas imagens nos permite tirar algumas conclusões além da óbvia de que existe um padrão dominante de beleza em nossa sociedade. As imagens resultantes da nossa pesquisa chamam atenção para faces. As exceções ou fotos em que outras partes do corpo aparecem destacam elementos como a pele negra, músculos no corpo de uma mulher e também fotos que marcam extremidades em relação ao peso corporal. Podemos concluir, também, que há uma relação intrínseca entre o normal e o belo, e que a categoria do belo em contraste do feio é atravessada por diversas lógicas sociais normalizadoras como a de gênero, raça, classe e pelo capacitismo⁹. Se seguirmos a provocação de Halberstam e nos perguntarmos como ele o que faz com que as pessoas retratadas como feias saiam da categoria da atratividade, perceberemos logo que é alguma violação a uma normatividade social. Feia é a mulher que viola as normas de gênero e possui características consideradas como masculinas, é a lésbica *butch* e a feminista que não se depila, exemplo apenas para resgatar aqui algumas categorias semióticas. Feia é a mulher idosa que, por passar pela menopausa, perde sua capacidade reprodutiva. Feia é a mulher que não é branca, que não possui o cabelo liso, loiro, não é nem magra, nem rica. Feio é o que viola as normas de gênero, raça e classe. Como canta Rogério Skylab em *Você é feia*, a mulher feia, feia pra caralho, é pobre, mora na rua, é paranóica, está com AIDS e é perigosa. A mulher feia, não apenas a de Skylab, é uma vida que não merece ser vivida, é uma vida sem valor, é uma vida que não conta como humana, uma vida que

9 Capacitismo e capacitista, segundo Pereira (2008), é: “a discriminação com base na deficiência e a tirania das pessoas que se julgam capazes. Estes termos referem-se tanto à discriminação sofrida pelas pessoas com deficiência de forma activa (por exemplo, através de insultos e considerações negativas ou arquitectura não acessível), como de forma passiva (por exemplo, quando se tem um discurso sobre as pessoas com deficiência que as considera merecedoras de pena e caridade em vez de as ver como pessoas de plenos direitos)” (PEREIRA, 2008, p. 18-19).



não será chorada e como diria o cantor: “Quer um conselho? / Entra no banheiro, / Fecha bem a porta, / Tampa o basculante, / E liga o gás” (SKYLAB, 2009).

É importante perceber que o conselho é dado a uma mulher e não a um homem, e que as imagens de beleza mobilizadas em nossa análise são predominantemente femininas. A beleza e a feiura afetam de formas diferentes homens e mulheres. Corpos lidos como de homens podem ser úteis e legítimos socialmente apesar da marca da feiura. Todavia, a construção da feminilidade, nos discursos hegemônicos, está intimamente ligada a rituais de preocupação estética como ir a um salão de beleza, cortar os cabelos, fazer as unhas e fazer dietas. No enquadramento heteronormativo de nossa sociedade, “a beleza é um dos elementos centrais da constituição da feminilidade no modelo ocidental moderno, pois é ela que permitirá à mulher se sentir desejada pelo homem” (GROSSI, 1995). Sob esse enquadramento, a ausência da beleza, em muitas vezes, implica a ausência de utilidade daquele corpo feminino.

A feiura, essa falha perigosa e contagiosa, não é apenas uma questão de gosto, uma questão individual, mas pode ser resgatada, então, como uma categoria que revela múltiplas hierarquias de nossa sociedade, como uma categoria que nos permite trabalhar em uma perspectiva interseccional. Permite, ainda, perguntar sobre a natureza de nosso próprio desejo. Em que medida nosso desejo por corpos belos, nosso desejo por nos tornarmos belos, são desejos autenticamente nossos e livres? Em que medida desejar a beleza não é desejar o desejo da norma? Beleza e feiura são, então, dispositivos que integram as tecnologias de gestão da população e do indivíduo.

Um outro aspecto que chama a atenção nas imagens, para além das marcas raciais, é como os “corpos feios” aparecem ligados a distorções, a assimetrias e a exageros. As formas chamam atenção para o tamanho dos olhos, dentes tortos e a gordura corporal. Uma parte considerável das imagens é o oposto das fotos para beleza, nas quais majoritariamente as mulheres são brancas, com peles sem manchas, rostos/corpos simétricos e em expressões faciais que denotam alguma sensualidade.

No comparativo entre os dois quadros de imagens, pode ser evidenciado como a raça emergiu como aspecto que compõe beleza ou feiura. O conjunto de imagens do *google search* para a palavra “feiura” traz em maior quantidade pessoas negras ou não ocidentais. Já as imagens para “beleza” em sua maioria estão apresentadas pelo rosto de mulheres brancas e loiras.

Destacamos, no início de nosso texto, todo um conjunto de serviços e técnicas oferecidos por um mercado da beleza. Entendemos que estamos tratando de uma produção do corpo, de um



corpo dócil às normas de gênero por meio da feitura da beleza como um elemento quase indispensável ao reforço de determinadas performatividades. As imagens expostas neste texto chamam para essa discussão. Ao atentar-se à figura 2, vemos várias fotos da versão brasileira da novela “Betty, a Feia”¹⁰. Betty, a personagem principal, é uma mulher feia, segundo os padrões vigentes, e que ao fim da trama passa por uma transformação, tornando-se uma mulher ‘linda’ e ‘atraente’. Em algumas das fotos é possível ver duas imagens justapostas de Betty, antes e depois da transformação. Para nós é importante destacar as imagens relacionadas à Betty, pois, no campo midiático, contam da mesma lógica presente na indústria da beleza: de um aparato tecnológico que pode ser utilizado para recriar um corpo segundo convenções estéticas e de gênero. Se na música de Rogério Skylab a resposta ao pedido de conselho seria a morte, aqui teríamos uma segunda alternativa. “Quer um conselho?”. Não seja mais feia, faça cirurgias, use maquiagem, roupas e acessórios femininos e tenha um corpo belo e jovem.

A biopolítica como forma de regulação populacional pode ser destacada, segundo Foucault (2008), como um mecanismo presente na produção corporal segundo referenciais estéticos, uma vez que tais referenciais e a imensa gama mercadológica e cultural que acompanha esses referenciais funcionam como ‘palavras de ordem’, nos termos de Louro (2008), que expressam saberes-poderes que constituem a maneira como devemos viver, bem como instauram a legitimidade dos corpos por meio da inscrição de determinados discursos e estratégias de funcionamento da produção das inteligibilidades de gênero.

III

Temos um compromisso intelectual e político com a superação das lógicas que produzem hierarquias sociais, assim, nos percebemos obrigados a, com intuito de concluir este texto, tecer alguns apontamentos para uma saída possível desse paradigma desastroso. Para um uso político da feiura para uma desconstrução das normalidades de gênero, raça, sexualidade e corporalidades é preciso ter em mente aquilo que foi ensinado pelo Comitê Invisível¹¹ (2010, p. 20):

10 A versão brasileira da novela colombiana foi exibida pela Rede Record em 2009. Betty é uma personagem engraçada, inteligente e que passa toda a trama apaixonada por seu chefe. A personagem foi vivida pela atriz Giselle Itié.

11 O Comitê Invisível é o nome pelo qual um grupo anônimo de anarquistas frances@s escreveram o manifesto radical A Insurreição Que Vem. Tal manifesto vem influenciando o pensamento de divers@s autor@s comprometid@s com uma mudança radical em nossa sociedade como o próprio Jack Halberstam e outr@s anarquistas queer. Segundo Halberstam, o Comitê Invisível “une fragmentos da teoria queer (“o futuro já não tem futuro”) e da ética punk faça-você-mesmo (‘aproveite o máximo de cada crise’) com insights feministas sobre a implicação da família na ‘grande



A nossa inadaptação, o nosso cansaço, só são problemas do ponto de vista de quem quer nos subjugar. Indicam sobretudo um ponto de partida, um ponto de confluência para cumplicidades inéditas. Deixam entrever uma paisagem muito mais deteriorada, mas infinitamente mais partilhável do que todas as fantasmagorias que esta sociedade alimenta a respeito de si própria.

A compreensão do gênero enquanto algo construído performativamente através de diversos processos culturais, políticos, sociais, tecnológicos e também semióticos não presta apenas para denunciar a forma como a normalidade tem sido construída, mas traz em si um potencial subversivo. É necessário perceber que compreender a forma como a normalidade é construída permite sabotá-la. A forma como Butler (2011) compreende a performatividade abre flanco para que as normas de gênero não sejam apenas repetidas de forma a consolidá-las. As ações performativas não trazem em si o seu significado e não há uma garantia da forma exata na qual serão compreendidas, que há uma possibilidade da citação “falhar”. Isso implica que mesmo uma repetição pode ser realizada para dar novos significados à ação/ao signo, que há uma possibilidade intrínseca aos signos de serem transplantados e citados de formas imprevistas e inesperadas (SALIH, 2012). São nesses espaços de falhas que a agência do sujeito emerge, possibilitando a subversão da norma, a reinterpretação do insulto que passa a agora a ser um signo empoderador. Como Preciado (2011) aponta, a sexualidade e o gênero *já* estão sendo constantemente construídos através de representações e não é mais possível escolher que não sejam representados, pois sem representação não há sexualidade ou gênero. O que podemos fazer é optar por uma forma de proliferação crítica das representações de gênero.

Resistir, proliferar de forma crítica, implica ir além da simples inserção de modelos “*plus size*”¹² em catálogos de moda. Por mais que a moda *plus size* possa produzir efeitos empoderadores para algumas pessoas, ela não escapa das lógicas normalizadoras e continua reproduzindo padrões estéticos normativos de como ser ou não, continua reproduzindo o racismo, o capacitismo e o desprezo às pessoas idosas. O próprio nome marca os limites do reconhecimento e explicita que você pode até se ver no catálogo e se sentir bela, mas seu tamanho é maior, sua numeração não é a “normal”. *Plus size* e as iniciativas similares são, sob nossa

fragmentação social’ que chamamos de prosperidade econômica (‘cada um sente a inabilidade do triste núcleo familiar’)” (HALBERSTAM, 2012, p. 136 – Tradução Nossa).

¹² *Plus Size* é uma tendência do mercado da moda de revitalizar o mercado de roupas em tamanhos considerados “grandes”, inserindo mulheres que fogem do padrão magro da moda nos desfiles e produzindo roupas e acessórios em tamanhos maiores. Não há um consenso entre as diversas grifes sobre quais tamanhos são considerados *plus size*. O concurso Miss Brasil Plus Size em seu regulamento define como Plus Size a partir do tamanho 44. Mais infos: <http://www.mbps.com.br/index.asp?cod=2380>



perspectiva, apenas mais um nicho de mercado. O que argumentamos neste texto é pela necessidade de subversão, de representações críticas e plurais dos gêneros.

Há diversas maneiras de se realizar isso. Halberstam (2012) aposta no poder de criar um manifesto e de utilizar de aspectos da cultura pop, como as performances de Lady Gaga, para tocar novas gerações de feministas e mostrar que é possível resistir, que há como escapar, que há como recusar as respostas existentes. Contar histórias, criar linguagens e criar ficções que nos permitam falar sobre possibilidades diferentes, como Haraway (2009) e Halberstam fazem, é alterar a realidade, é criar possibilidades para uma subversão. A literatura, a fotografia e o cinema têm, então, papel crucial para essa (re)produção de novos modelos de gênero, modelos que, diferente das fotografias mostradas por Preciado, permitam que o próprio sujeito se represente - e não seja exclusivamente representado pelo mercado. Assim como o poeta Manoel de Barros (2006), não gostamos de “palavras de tanque” que, estagnadas, acostumadas com o mesmo, pegam mofo. Preferimos, ao contrário, um idioma de larvas incendiadas, que obedece a desordem das falas infantis e assim reinventa as representações de gênero e sexualidade, empoderando as pessoas a se sentirem belas.

Desfazer a normalidade é parte de um esforço contínuo de desnaturalização e desidentificação, nomeado de *Undoing Gender* por Butler (2004), em que os estudos *queer* se empenham. Assim, Butler e Preciado apostam em algumas formas de sabotagem do gênero, seja pela forma da paródia performática (e também estética) do *Drag King*, pela autointoxicação hormonal ou pela ressignificação de termos chulos como “bixa”, “caminhoneira” e outros. Essas paródias evidenciam o caráter construído do gênero e zombam das normalidades justamente por meio de sua violação. Reconhecemos que os apontamentos aqui feitos sobre a subversão são um tanto quanto abstratos, entretanto isso é feito de forma proposital. Não acreditamos que haja uma forma de criar uma tipologia ou critérios para a subversão. Tal esforço intelectual, como Butler (1999, p. xxi) aponta, irá necessariamente falhar: a subversão é algo que deve ser sempre pensada dentro de determinado contexto. Concordamos, também, que mesmo que esse esforço fosse possível, com o passar do tempo as formas de se realizar a subversão perderiam seu valor subversivo, pois “performances subversivas sempre correm o risco de se tornarem clichês pela repetição e, mais importante, por meio da repetição dentro da cultura de mercado em que ‘subversão’ carrega um valor comercial¹³” (BUTLER, 1999 p. xxi - tradução nossa). A subversão

13 “subversive performances always run the risk of becoming deadening clichés through their repetition and, most importantly, through their repetition within commodity culture where “subversion” carries market value”. (BUTLER, 1999 p. xxi)



precisa, então, sempre ser reinventada, reatualizada de acordo com os novos contornos da norma, que também se atualiza a cada instante.

Consideramos também que a subversão, nos termos delineados por Butler, pretende-se apresentar como uma espécie de “ficção política” que teria a função de ampliar as possibilidades de feitura do gênero e do corpo. Estamos tratando, então, de uma possibilidade de desmantelamento das lógicas discursivas que criam as legitimidades pelas quais algumas formas de se performar os gêneros e, portanto, produzi-los como abjetos ou centrais em termos hierárquicos (PRINS; MEIJER, 2002).

Fica claro também que a resistência feminista e *queer* não pode ser contra uma ou outra lógica opressora apenas, mas precisa ser sempre interseccional, precisa levar em conta as fronteiras, os entrecruzamentos e as diversas formas pelas quais essa sociedade patológica nos subjuga e oprime. É preciso ainda estabelecer novas parcerias, entre feministas e movimentos de negros e negras, movimentos *queer* e de deficiências, entre mulheres transasiáticas e homens operários latinos e outras subalternidades, para criarmos técnicas de resistência, mesmo que essas alianças possam parecer improváveis. Os lugares de falha e de fronteira não são apenas espaços de disputa e tensão, mas de criação de solidariedades e cumplicidades revolucionárias que devem abranger mesmo as pessoas que ali se encontram sem ter o desejo ou força para resistir.

Referências

- BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas: a segunda infância*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2006
- BUTLER, Judith. *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge, 1999.
- BUTLER, Judith. *Undoing gender*. New York: Routledge, 2004.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- BUTLER, Judith. *Bodies that matter: on the discursive limits of “sex”*. New York: Routledge, 2011.
- CARRILLO, Jesús. Entrevista com Beatriz Preciado. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 28, June 2007.
- COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. *TIC DOMICÍLIOS 2012: Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação no Brasil*. São Paulo, 20 de junho de 2013 Disponível em: <<http://www.cetic.br/usuarios/tic/2012/apresentacao-tic-domicilios-2012.pdf>> Acesso em: 03.10.2013
- COMITÊ INVISÍVEL. *A insurreição que vem*. Lisboa: Edições Antípáticas, 2010.
- FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade: a vontade de saber*, 19ª ed. Rio de Janeiro: Graal. 2008.



- GROSSI, Miriam. Masculinidades: uma revisão teórica. *Antropologia em Primeira Mão*, Santa Catarina, n.1, 2004.
- HALBERSTAM, J. Jack. *No longer in exile: the legacy and future of gender studies at the New School*. Conferência ministrada na New School of Social Research. New York: 2010. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=ZZ05vzaLibY>
- HALBERSTAM, J. Jack. *Gaga feminism: sex, gender and the end of normal*. Boston: Beacon Press, 2012.
- HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, Tomaz. *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- PRINS, Baukje; MEIJER, Irene Costeira. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, Jan. 2002.
- LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (org.) *Tendências e impasses – o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-Posições*. 19(2): 17-23. 2008.
- MATOS, Marlise. Teorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um campo novo para as ciências. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, 16(2): 333-357, maio-agosto, 2008.
- PEREIRA, Ana Maria Baila Albergaria. *Viagem ao interior da sombra: deficiência, doença crônica e invisibilidade numa sociedade capacitista*. 2008. Universidade de Coimbra. Faculdade de Economia / Centro de Estudos Sociais. Programa de Mestrado e Doutorado Pós-Colonialismos e Cidadania Global, Coimbra. 2008.
- PRECIADO, B. *Testo yonqui*. Madrid: Espasa Calpe, 2008
- PRECIADO, B. *Manifiesto contrasexual*. Barcelona: Anagrama, 2011
- PRECIADO, B. Transfeminismo nel regime farmaco-pornografico. In Borhi, L.; Manieri, F.; Pirri, A. *Le cinque giornate lesbiche in teoria*. Roma: Ediesse, 2011
- SALIH, Sara. *Judith Butler e a Teoria Queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012
- SKYLAB, Rogério. Você é feia. in: SKYLAB, Rogério. *Skylab IX*. São Paulo: Tratore, 2009 Faixa 15

